



## O Lugar do Mercado

Pesquisa de Iniciação Científica concluída em 2009 por Letícia Yoshimoto Simionato (graduanda FAU USP e bolsista pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo), orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Heliana Comin Vargas.

A pesquisa realizada tem como objeto de estudo os edifícios de mercados públicos e sua relação com o contexto sócio-econômico e o tecido urbano no qual se inserem. O objetivo do estudo é analisar a evolução destes edifícios, quanto à sua tipologia, inserção urbana e quanto aos usos que lhes são dados, em diferentes momentos da história.

Para isso foram selecionados exemplares de edifícios com características significativas de relação com a cidade, com a sociedade ou com a história dessas localidades. Partiu-se de uma bibliografia que inclui obras relacionadas a história do desenvolvimento de algumas cidades e até mesmo obras mais atuais que acrescentam sobre os usos contemporâneos de alguns destes edifícios.

Ao todo foram estudados dezoito mercados públicos, dentre os quais se encontram desde edifícios de reconhecida monumentalidade até edifícios que podem ser considerados “simples”, mas que são notáveis pela sua funcionalidade e inserção urbana.

Para padronizar o levantamento realizado, foi organizada uma “ficha técnica padrão” que deveria ser preenchida com informações de cada um dos casos estudados:

- Nome do mercado
- Contexto: estudo do contexto político, social e econômico da construção do edifício analisado, não só na escala local, mas em alguns casos em escala que abrangia acontecimentos que ultrapassavam as fronteiras nacionais, mas que influenciavam a situação local.
- Local: Nome da cidade e do país aos quais o edifício de mercado pertence.
- Construção: Ano de construção do edifício.
- Iniciativa / empreendedor: Levantamento dos interesses que pautaram a construção do edifício, dos investidores e da relação com iniciativas privadas ou públicas, bem como a relação com as políticas públicas do momento (de abastecimento, por exemplo).
- Projeto: Levantamento dos dados de projeto, das dimensões do edifício, de características peculiares e informações das soluções construtivas.
- Usos originais: Descrição dos usos predominantes no mercado quando foi inaugurado, que tipos de produtos eram comercializados no edifício e qual era o sistema das atividades que o edifício abrigava, visto que

alguns abriam para comércio apenas uma ou duas vezes por semana, enquanto outros funcionavam todos os dias da semana.

- **Intervenções:** Levantamento de possíveis alterações no projeto original, processos de ampliação, reformas no interior do edifício, restauração e até mesmo obras de manutenção. Essas informações são importantes para a análise dos processos de renovação pelos quais muitos deles passaram e que exigiram a reformulação de espaços e adequação a novos usos e novas demandas.
- **Usos atuais:** Relato dos usos predominantes no mercado atualmente, considerando as alterações de demanda e a nova relação que se estabeleceu entre mercados e fornecimento de produtos para a cidade após o surgimento dos supermercados. É outro fator importante para a compreensão do processo que manteve vivos alguns edifícios de mercado, visto que alguns mercados realmente mantém o predomínio dos usos originais, enquanto outros alteraram completamente a área de comércio na qual atuam, voltando-se a comércio de produtos como artesanatos.
- **Curiosidades:** Informações adicionais, tais como horário de funcionamento, outros nomes pelos quais o edifício estudado também é conhecido, dados sobre o entorno e sobre o próprio edifício.
- **Bibliografia:** Lista das referências bibliográficas e dos sites consultados.
- **Imagens:** Fotos antigas e atuais dos mercados, desenhos esquemáticos como cortes ou plantas, mapa de inserção do edifício na cidade e foto de satélite mostrando o mercado e sua relação com o entorno.

A seleção dos edifícios de mercado como objetos de estudo baseia-se a idéia de que eles são resultantes de uma atividade de comércio que podia ser encontrada já na Antiguidade e cuja essência permanece viva até os dias de hoje. Por isso, compreender melhor as dinâmicas de alteração na tipologia dos edifícios que abrigam esta atividade com o passar dos séculos significa entender o que seria necessário para a manutenção do uso destas construções de suas relações com a sociedade e com a cidade em que se encontram.

O comércio surge como um fenômeno primitivo e espontâneo em diversas regiões, como por exemplo na Grécia Antiga e na Escandinávia. (Pirenne, 1989) e esta atividade dos mercadores podia acontecer em lugares diversos, mas usualmente se colocava onde já havia um bom fluxo de pessoas : rotas de viagem, locais de passagem de peregrinos, praças e áreas próximas a grandes construções públicas.

Em meados do século XIX, quando a expansão das cidades e do número de habitantes que elas abrigavam trouxe a necessidade de uma organização mais cuidadosa no que diz respeito às condições sanitárias e de higiene, para combater as pestes e doenças que assolavam a Europa, os mercados cobertos começaram a surgir.

É o que afirma Benevolo quando trata sobre os trabalhos de Haussmann em Paris no século XIX: “Compete à Administração a construção dos edifícios públicos nos novos bairros e nos velhos submetidos às transformações já mencionadas: escolas, hospitais, prisões, escritórios administrativos, bibliotecas, colégios, mercados.”

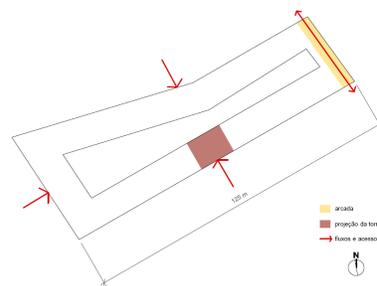
Essa cidade burguesa que nascia, dava nova forma aos mercados, agora cobertos, agora espaços com uma função específica e não mais um espaço para diversos usos como costumava ser na Antiguidade. Desenvolve-se, então uma certa tipologia de edifícios, que aproveitam as novas técnicas construtivas para criar grandes áreas centrais ao redor das quais se dispunham as bancas de frutas, vegetais, carnes e demais produtos a serem comercializados.

Assim, o nascimento dos edifícios de mercado está diretamente ligado às novas necessidades da sociedade, e mesmo aos novos instrumentos de que a mesma dispunha.

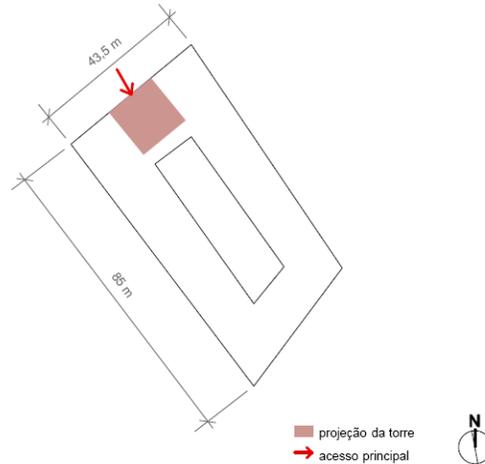
Ao longo do tempo alguns edifícios de mercado foram demolidos, parcialmente destruídos, abandonados ou tiveram que se adaptar às novas exigências que a vida urbana impunha. Neste momento, vários mercados perderam sua função inicial, sendo abandonados ou dando espaço a outros usos e sendo muitas vezes reproduzidos em espaços de Shoppings Centers. Outros, entretanto, conseguiram vencer a ditadura do tempo através de um processo que envolve diferenciação de usos, inserção urbana, relação com a sociedade local, capacidade de reciclagem e de flexibilização para se adequar a novas demandas.

Com relação aos mercados do século XIII observa-se a semelhança entre o Ypres Cloth Hall e o Halle de Bruges. Ambos apresentam uma tipologia de edifício com pátio interno aberto e não eram apenas edifícios de mercado, abrigavam também usos relacionados à administração local. Kostof afirma que esta união entre governo e comerciantes simbolizava que trabalhar com comércio era um privilégio de cidadãos, ou seja, um indicador da situação política e social. Ambos apresentam arquitetura monumental em pedra e alvenaria, como forma de ostentar o poder que a atividade comercial exercia nestas cidades e em especial a influência dos mercadores de tecido nas sociedades locais.

Nesse contexto de cidade mercantil da Idade Média, numa Europa que deixava para trás o feudalismo e entrava em um novo arranjo econômico, a atividade da classe comerciante ganhava espaço rapidamente dentro do ambiente urbano. Estes dois edifícios eram utilizados como mercados de tecidos finos, possuíam torres que eram verdadeiros marcos para a paisagem urbana, e apresentavam uma tipologia que não está obrigatoriamente ligada à questões funcionais, mas que tem como premissa reafirmar a posição social privilegiada que os comerciantes de tecido possuíam naquele momento.



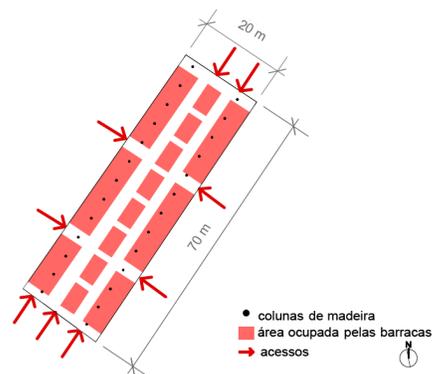
Fachada principal e planta esquemática do Ypres Cloth Hall.



Fachada principal e planta esquemática do Halle de Bruges.

A relação entre a arquitetura dos mercados e a sua funcionalidade é um ponto que sofre grandes mudanças com o passar dos séculos: partindo da experiência que dá mais valor à estética do edifício como forma de afirmação de poder, chega ao extremo da valorização da funcionalidade, que deixa em segundo plano questões estéticas e produz edifícios nos moldes dos atuais supermercados. É possível citar o Saint Pierre-sur-Dives como um exemplo de edifício que tem o projeto mais voltado para a funcionalidade do que para a ostentação de alguma das classes sociais.

Com um uso que não se restringe a um só produto e com intenções claras de ser apenas abrigo para a venda de produtos frescos, não tinha a necessidade ou o objetivo de ser um edifício monumental, visto que sua edificação não fora guiada por interesses de grupos específicos. Desse modo, o que se observa é um edifício bastante funcional no que se refere à facilidade de acessos, à flexibilidade na disposição interna de vendedores e localização central no contexto urbano de uma cidade pequena. Por não se tratar de uma cidade de grandes proporções como era Bruges, o mercado de Saint Pierre-sur-Dives abrigava um uso mais voltado ao comércio do que era produzido nos arredores, para atender apenas à demanda de consumo dos moradores da cidade.



Fachada principal e planta esquemática do mercado de Saint Pierre-sur-Dives.

O desenvolvimento de grandes centros urbanos no século XX influencia profundamente na dinâmica da evolução das tipologias dos edifícios estudados. A transição para uma cultura pautada em intensos fluxos comerciais, de pessoas e de mercadorias com diferentes meios de locomoção e distanciamento das realidades urbana e rural, traz novas possibilidades de inserção desses edifícios na cidade e novas relações com os moradores locais.

Além da alteração de demandas, outro fator que influencia na relação mercados/cidades é a questão das políticas públicas de abastecimento. O que se pode observar nestas cidades é a preocupação com políticas de abastecimento organizadas de forma a otimizar o fornecimento de produtos ao crescente número de habitantes.

Os mercados considerados representativos dentro do contexto do século XIX são de grandes cidades e voltados para o abastecimento de uma população numerosa, por isso, todos apresentam implantação com facilidade de acesso (por vias ou por rios) e usos em geral voltados para o abastecimento de gêneros alimentícios.

Nesse momento, os materiais utilizados nas edificações não se restringem apenas à alvenaria e à madeira, mas incluem o ferro fundido e o vidro, o que traz um grande impacto no que se refere à arquitetura dos mercados públicos. As estruturas de ferro fundido permitem o aumento nas dimensões dos vãos internos dos edifícios de mercado e o vidro garante a iluminação do interior sem que fosse necessária uma exposição às intempéries. No contexto citado vale destacar o Les Halles, cuja construção está intimamente ligada às ações de uma política pública de reorganização do esquema de abastecimento de Paris, por iniciativa do prefeito Haussmann. Trata-se de um complexo que idealizava 14 pavilhões interligados com corredores cobertos de vidro (como os próprios pavilhões) e com usos diferenciados, isto é, os pavilhões eram como setores de produtos diferentes. Tamaña proporção e organização tornaram-se referência de projeto por toda a Europa e estabeleceram um novo conjunto de ideais na produção de edifícios de mercado.



Foto aérea do Les Halles e interior de um dos pavilhões.

Anterior ao Les Halles, e de grande relevância para este estudo também, figuram os mercados Covent Garden e Hungerford Market. Ambos construídos na Inglaterra, por projeto de Charles Fowler e com a utilização de ferro fundido e vidro na estrutura das coberturas, a partir da iniciativa de particulares.

A diferença entre os dois é a inserção na malha de Londres: enquanto o Covent Garden está em uma área central rodeada de malha edificada, o Hungerford se localiza às margens do Rio Tâmsa.

Analisando a diferença de inserção é possível compreender a diferença de usos: enquanto o primeiro se especializa na comercialização de itens frescos, o segundo, comercializa também peixes frescos (tirando proveito da proximidade com o rio) e carne.



Fachada principal e foto de satélite do Covent Garden.

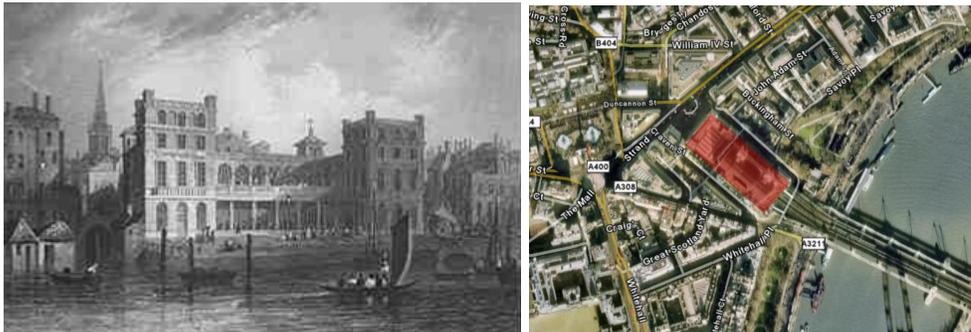


Ilustração do Hungerford Market visto do rio Tâmsa e imagem de satélite do lote que ocupava.

Os diversos mercados estudados passaram por processos de renovação diferenciados: alguns foram demolidos, alguns receberam novos usos e outros se mantêm como mercados, ainda que passando por algumas adaptações.

Os mercados que foram edificadas por iniciativa das autoridades locais são: o Saint Pierr-sur-Dives, o Cotton Market, o Richelieu Market, o Quincy Market, o Les Halles, o Mercado da Ribeira (Lisboa), o Dublin Fruit and Vegetable Market e o Mercado de la Ribera (Bilbao). Dentre eles apenas o Les Halles foi demolido, quando houve a renovação da área em que estava inserido, para a construção de um complexo com comércio, empresas e habitações. Os demais passaram por processos de renovação, mas mantiveram seu uso ligado ao comércio, ainda que alguns tenham se voltado para o turismo, com a venda de produtos característicos da região e de artesanatos. Trata-se de edifícios que conformam pontos tradicionais da cidade, com os quais a população se identifica e que, de alguma forma, são representativos da cultura local, tornando-se pontos turísticos.



Entre os mercados edificadas por iniciativa privada estão o Mercato Nuovo, o Covent Garden, o Hungerford Market, o Leadenhall, o Östermalms Saluhall e o Saint George's Market. Apenas o Hungerford Market foi demolido, para a construção da Estação de trem Charing Cross na década de 70. Os demais permanecem como edifícios voltados para o comércio de bens variados e com enfoque turístico. Como forma de atrair o movimento de turistas, alguns mercados investiram também na construção de mezaninos com restaurantes (como é o caso do Saint George's Market e do Covent Garden).

Na Inglaterra, o que se observa é uma tendência de reorganização interna pautada na divisão do espaço em lojas, boutiques e feiras de produtos artesanais. Em Portugal e na Espanha, os mercados estudados permanecem servindo a comerciantes de produtos frescos, mesmo passando por algumas alterações físicas nos edifícios. Os pequenos mercados franceses estudados que permanecem em funcionamento, abrigam eventos e feiras. Estes não foram alterados no projeto original, apenas restaurados.

Compreende-se que o advento de novas formas de comércio, como o supermercado ou o shopping, influenciou a dinâmica do movimento nos edifícios de mercado de tal forma que exigiu a adaptação a novas demandas e a novos grupos de consumidores. Os edifícios que não receberam projetos de renovação com sua manutenção no local foram demolidos, por não ter havido uma política preocupada em reintegrá-los ao contexto urbano, ou porque a política aplicada naquele momento tinha outros interesses para a área onde eles se encontravam.

As adaptações realizadas nos edifícios que se mantiveram como mercados públicos foram viabilizadas principalmente pela flexibilidade que estas tipologias possuem. Os edifícios do século XIX, por exemplo, com grandes dimensões, estruturas em ferro e coberturas simples em telhas de vidro, puderam receber novos arranjos internos.

A localização destes edifícios em áreas centrais das cidades permite que sejam utilizados como elementos catalisadores dos processos de requalificação destas áreas, de modo que sua conservação e manutenção revelam-se interessantes para os moradores e para a administração local.

Letícia Yoshimoto Simionato (ysleticia@gmail.com)  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo  
Temática: Edifícios de Mercados Públicos